

"Ângelo Ramalheira"



...um homem só tem um direito, o de cumprir o seu dever...

Prefácio

Numa terra sem critérios, e mais grave, sem sentimentos de gratidão, desinteressada do merecimento do passado, obliterada por minudências de chocalho, será estulto trazer ao de cima, e comparar, valores que ultrapassaram por obras e feitos, mais do que é vulgo, o simples humano conseguir. É um fenómeno que vem detrás, um deplorável anátoma que nos limita e reduz. O opróbrio à mudança comportamental é tão absurdo, cego e surdo, que só um maniqueísmo hiperbolizado, profundamente instalado numa sociedade ancestralmente individualista, explica. Mas não desculpa.

O engº Ângelo Ramalheira é uma dessas figuras, hoje já quase esquecida na sua terra natal. Facto imperdoável, imerecido, que culpabiliza tão só uma comunidade inerte que atassalha a memória dos que se distinguiram, enquanto limpa os beiços ao guardanapo dos enfastiados, e passeia de boca

aberta ,braços caídos, olhar embotado, perda a vontade de tudo ,até a de se lembrar.

Figura ímpar, referencial do espírito científico da sua época, senhor de um saber feito - fazendo - figura de universal contacto, desempoeirada, viva e alegre - mesmo quando o acaso do infortúnio investiu, malévolo e ingrato, contra si - parece sujeito ao contra-senso dos seus conterrâneos. Não lhe escapou ... apesar de ...

Devo-lhe imenso «saber»; que me foi dado da maneira mais inteligente: desafiando-me, ao tempo que me ia amparando no esforço de aprender.

Mas... (e porque já não era pouco...)

Mais do que saber técnico que me foi precioso, deu-me verdadeiras lições de solidariedade, de amizade e de curioso desvelo. Isto é, deu contributo válido para me ajudar na formação de uma personalidade inquieta, porque sempre disponível. Mais para os outros do que para mim mesmo.

Orgulho-me de ser um dos seus conterrâneos ; o seu exemplo serviu-me - sempre! - para me desafiar e me incentivar. Nunca para me diminuir.

Ora, é a estas comparações que os farfalhos temem sujeitar-se, preferindo deixar os exemplos fechados nos arcazes onde repousam memórias, que não querem recordar .Débeis, temem as comparações. Vivem do escalracho poluído da retórica balofa. E isso lhes basta. Pobres de espírito...

Foi com muito carinho e muito desvelo que usei a minha pouca e sombria destreza, para Lhe recuperar a imagem. Se em vez de palavras lhe pudesse ter traçado o perfil, a régua e esquadro, ficaria talvez, mais escorreita a imagem; mas claramente menos humanizada, menos quente, menos ofegante, mais anémica.

Antecipando-me um ano ao Centenário do seu nascimento, deixo este contributo para recordar o Engº Ângelo Ramalheira, na grandeza de um «ilhavo» singularmente exemplar na fidelidade expressiva às suas raízes.